

Vila Novo Paraíso-RR: a construção de um espaço na Amazônia Brasileira

Elizangela Wanderline Quaresma Monteiro

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Luís Fernando da Silva Laroque

Centro Universitário Univates

p. 594– 608

revista

Geo 
USP

espaço e tempo

Volume 18, nº 3 (2014)

ISSN 2179-0892

Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/82988>

Como citar:

MONTEIRO, E. W. Q.; LAROQUE, L. F. S. Vila Novo Paraíso-RR: a construção de um espaço na Amazônia Brasileira. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 594-608 2014.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 3.0 License.

Vila Novo Paraíso-RR: a construção de um espaço na Amazônia Brasileira

Resumo

O trabalho discute as mudanças que a construção da BR-174 ensejou na Vila Novo Paraíso, em Roraima, e analisa o decorrente processo de construção desse espaço territorial e cultural considerando principalmente os grupos sociais de maranhenses e sul-rio-grandenses que chegaram ao estado por essa rodovia. A metodologia aplicada foi a pesquisa qualitativa no tratamento e na análise de fontes bibliográficas, documentais e dados de entrevistas e dos Diários de Campo. Adotaram-se conceitos como *construção do espaço e paisagem*, sobre a premissa de que o espaço da Vila Novo Paraíso é tributário da cultura desses dois grupos sociais.

Palavras-chave: Vila Novo Paraíso. Maranhenses. Sul-rio-grandenses. Construção do espaço. Rodovia BR-174.

The Vila Novo Paraíso-RR: space construction in a Brazilian Amazonia

Abstract

This paper aims at discussing the changes that happened in an area called Vila Novo Paraíso, which is located in the state of Roraima, Brazil, based on the construction of highway BR-174. The main focus of this study is to analyze the building process of both the territorial and cultural space in Vila Novo Paraíso from the construction of highway BR-174, especially considering the social groups from two different regions of Brazil (Maranhão and Rio Grande do Sul) that reached the current state of Roraima through highway BR-174. Qualitative research was the methodology used in the treatment and analysis of bibliographical and documentary sources, interview data and field journals. Some concepts like space construction, landscape were taken into consideration due to the premise that Vila Novo Paraíso was constructed in accordance with cultural conceptions of social groups composed of people from Maranhão and Rio Grande do Sul who live in that area.

Keywords: Vila Novo Paraíso. Maranhão. Rio Grande do Sul. Space construction. Highway BR-174.

Introdução

A Vila Novo Paraíso fica ao sul do estado de Roraima, no município de Caracará com um contingente populacional de 450 habitantes (IBGE, 2010). Segundo Santos (2010), as coordenadas geográficas de Roraima são latitude +05° 16' 20'' ao norte, -01° 35' 11'' ao sul, +01° 13' 45'' a leste, e +04° 15' 00'' a oeste. As rodovias federais BR-174 e BR-210 são as principais vias de ligação terrestre da Vila Novo Paraíso com a capital Boa Vista e demais cidades de Roraima e do Amazonas. A origem da vila está relacionada aos projetos de colonização que existiram durante o século XX, mais precisamente após os anos de 1970, período que teve início a construção da rodovia BR-174. Com a construção da rodovia BR-174, o fluxo de pessoas e mercadorias aumentou em todo o estado de Roraima e possibilitou o surgimento de novos aglomerados urbanos. Assim, grupos de pessoas se deslocavam via rodovia BR-174 para Roraima e alguns grupos sociais se estabeleceram na Vila Novo Paraíso, como foi o caso dos maranhenses e dos sul-rio-grandenses (Silva, 2007).

O objetivo do estudo é analisar o processo de construção do espaço territorial e cultural na Vila Novo Paraíso, a partir da construção da rodovia BR-174, considerando principalmente os grupos sociais de maranhenses e sul-rio-grandenses que chegaram ao atual estado de Roraima via rodovia BR-174. O trabalho caracteriza-se por uma metodologia qualitativa com análise de conteúdo e os procedimentos metodológicos consistiram no levantamento bibliográfico e documental, bem como entrevistas com questões semiestruturadas e também a elaboração de Diários de Campo. Os dados foram analisados com base em estudos de Martins (2009), Oliveira (2007), Santos (2005; 2008), Santos e Silveira (2001), Silva (2007) Souza (2006), Souza (2010) e Vale (2006), que discutem questões envolvendo espaço, lugar, paisagem, território, identidade, fronteira e características regionais do estado de Roraima.

A história da Vila Novo Paraíso

Durante muito tempo, a Amazônia Brasileira¹ foi alvo de preocupação por parte dos governantes, pois o fato de ser a região mais setentrional do Brasil e a menos populosa em termos de povos não indígenas chamava a atenção dos que se preocupavam com a soberania e geopolítica nacional. Assim, no estado de Roraima foram lançados vários projetos de colonização e de atração migratória na tentativa de desenvolvimento e colonização através de políticas de desenvolvimento e de atração migratória, tais como: assentamentos agrícolas, atividade de garimpagem e principalmente da construção de rodovias. Segundo Amorim Filho e Diniz (2005), mesmo com as políticas de assentamento agrícolas, o que prevalece no estado de Roraima será o surgimento de vilas, sede municipais, povoados e aglomerados ao longo das rodovias.

¹ Amazônia Brasileira não era uma região natural, mas uma região de planejamento, pois sua delimitação decorria de um ato de vontade política do Estado. As regiões de planejamento são delimitadas por fronteiras lineares, que definem rigorosamente a área de exercício das competências administrativas. Em 1966, no contexto político da ditadura militar (1964-1985), a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) foi extinta e, no seu lugar, foi criada a Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). A lei que criou a Sudam redefiniu a Amazônia Brasileira, que passava a se chamar Amazônia Legal. Ou seja, a Amazônia Legal compõe-se pelos estados de Mato Grosso, Tocantins, Maranhão, Amapá, Pará, Amazonas, Rondônia, Acre e Roraima. Associado aos climas quentes e úmidos e assentado, o ecossistema equatorial é o que caracteriza a maior parte do interior da bacia fluvial amazônica (Oliveira, 2008).

Portanto, é no contexto das aberturas de estradas que surge a Vila Novo Paraíso em Roraima, especificamente no entroncamento das estradas BR-210 e BR-174, principais vias de ligação do estado de Roraima com as demais localidades. A rodovia BR-210 é conhecida como Perimetral Norte e cruza o estado no sentido transversal, o que possibilita a ligação entre as cidades de Caroebe, São Luís do Anauá e São João da Baliza ao município de Caracaraí, salienta-se, no entanto, que a intenção inicial era que a rodovia BR-210 ligasse o estado do Pará à Colômbia (Oliveira, 2007). A BR-174 percorre o estado no sentido norte-sul, ou seja, as duas rodovias mencionadas têm intersecção na Vila Novo Paraíso e por um longo percurso uma está sobreposta a outra.

A razão dessa sobreposição ocorreu por um problema que não havia sido considerado durante a implantação do projeto de construção da rodovia BR-174, pois, de acordo com o traçado inicial, a rodovia BR-174 atravessaria uma região conhecida como Parque Nacional do Viruá. Entretanto, nessa localidade existia um trecho com muita areia e igarapés, o que acabava dificultando as obras e gastando muito material rodante, que era de difícil reposição. Diante dos problemas enfrentados com o traçado original, os engenheiros que trabalhavam na construção da BR-174 perceberam que esta poderia ser sobreposta à BR-210, que seguia seu curso em direção à cidade de Caracaraí, de modo que o encontro rodoviário foi coincidência.

No encontro acidental entre as duas rodovias, surge um pequeno empreendimento comercial, um posto de combustível localizado no km 500 da BR-174, entroncamento com a BR-210, conhecido como posto do Quinhentos, tendo essa designação por se localizar no km 500 da rodovia BR-174, ou seja, distante 500 km da cidade de Manaus no estado do Amazonas. Um outro fator primordial para a atual existência da Vila Novo Paraíso foi a implantação de um acampamento, inicialmente da empresa Paranapanema que construía a BR-210, localizado no km 511 da rodovia BR-174. Esse acampamento era chamado de Novo Paraíso, porque a empresa Paranapanema tinha um acampamento na Transamazônica com o nome de Paraíso. Dessa forma, um novo acampamento da empresa, no km 511 no estado de Roraima, foi batizado como acampamento Novo Paraíso. Após a empresa Paranapanema terminar a obra de construção da BR-210, esse acampamento foi doado ao Sexto BEC,² cujo nome atribuído foi Novo Paraíso, portanto o núcleo urbano que se formara no km 500 da rodovia BR-174 em torno do posto de combustível, foi denominado Vila Novo Paraíso, em virtude da influência que o mesmo acampamento exercia na localidade. Pesquisando a origem do nome do acampamento Novo Paraíso, obtivemos a seguinte informação:

O nome Novo Paraíso foi dado pela Paranapanema pelo fato que eles tinham montado um acampamento no trecho da Trans-Amazônica chamado Paraíso. Já que este foi o segundo acampamento num empreendimento semelhante o engenheiro Fernando Norbert resolveu dar o nome de Novo Paraíso ao acampamento que depois passou ao Sexto BEC. O nome então ficou (EEC, 2013, p. 8).

De acordo com as entrevistas, ficou evidente que a população se fixou na Vila Novo Paraíso, conforme os fatores elencados. O encontro acidental entre as rodovias BR-174 e BR-210 fez com que surgisse na atual Novo Paraíso um trevo, que liga, a Vila Novo Paraíso a cidades do sul do estado de Roraima como Caroebe, São João da Baliza, São Luís do Anauá e várias vicinais que dão acesso a propriedades rurais. Nesse sentido, temos uma narrativa, conforme segue:

² Sexto Batalhão de Engenharia e Construção.

A vila do Quinhentos só teve esse entroncamento de rodovias por conta do desvio que foi feito durante a construção da rodovia BR-174, ao contrário só passaria a rodovia Perimetral Norte e muito possivelmente essa vila nem existiria. Se não tivesse sido construído o desvio não haveria o encontro das rodovias e, portanto, a vila não existiria. Ali ficou sendo um ponto de intersecção de rodovias, então dali vai para o sul do estado pela Perimetral Norte e dali partia para Manaus, então criou-se um entroncamento cuja origem está relacionado a areia que encontramos no caminho (EOM, 2013, p. 14).

De acordo com o entrevistado EEC (2013), o primeiro morador a se estabelecer na Vila Novo Paraíso foi o sr. Dominique Ian Colin Edwards, ou sr. Colin, como é conhecido na Vila Novo Paraíso. Em 1973, o sr. Colin chegou até o km 500 da rodovia BR-174, atual Vila Novo Paraíso, nas proximidades do acampamento Novo Paraíso, escolhendo³ para se estabelecer terras a margem direita da rodovia BR-174 sentido Boa Vista-Manaus. Ao ocupar as Terras, o sr. Colin deu nome de Fazenda J. C. (Fazenda Jean Colin) em referência ao nome da esposa e ao seu sobrenome.

O sr. Colin foi o precursor na ocupação da Vila Novo Paraíso, bem como empreendedor da mesma, pois foi ele quem ergueu a primeira casa de alvenaria ainda existente na Vila Novo Paraíso e também foi o fundador, em 1976, de um posto de combustível às margens da rodovia BR-174. Com a instalação do posto de combustível e a ligação da rodovia BR-174 com Manaus, o fluxo de pessoas e mercadorias no estado de Roraima aumentou, em especial na localidade do km 500 da BR-174. O posto foi, e ainda é, um entreposto de parada para os que trafegam pela rodovia BR-174. A ideia do posto de combustível surgiu quando o sr. Colin recebeu uma proposta da Petrobras.

A partir do momento da instalação do posto de combustível houve uma maior circulação de pessoas, pois os transeuntes paravam para se alimentar e descansar, o que acabou desencadeando a fixação de outras famílias que viam no posto de gasolina a renda direta e indireta para o sustento da família. O posto de combustível foi o ponto de partida para o início da colonização da Vila Novo Paraíso e a formação da atual configuração espacial, pois segundo a narrativa de EOM (2013, p. 2), quando “[...] surgiu o Quinhentos ele começou bem devagarinho, o início foi um posto de gasolina. Ao instalar o posto de combustível ao redor começou a surgir uma vila”.

Portanto, é possível constatar que a implantação do Posto do Inglês gerava renda tanto direta como indiretamente para as pessoas que estavam chegando ao estado de Roraima e na Vila Novo Paraíso.

Presença de maranhenses na Vila Novo Paraíso

Após o estabelecimento do sr. Colin, temos também na Vila Novo Paraíso a chegada dos maranhenses. Estes vinham motivados por propagandas de pessoas que já tinham se estabelecido em outras regiões do território de Roraima, denominação que recebeu de 1962 a

3 Segundo entrevista com EEC (2013), isso aconteceu porque, na época da ocupação das terras de RR por não índios, em meados da década de 1970, as terras eram da União, portanto, as pessoas que chegavam primeiro cercavam as terras e as usavam. Hoje, isso não acontece, pois o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) fez a distribuição de terras e regularizou as ocupações na Vila Novo Paraíso.

1988, pois só depois passou a ser o estado de Roraima (Santos, 2010). De acordo com Vale (2006), o deslocamento de pessoas do Nordeste para a Amazônia nas últimas décadas tem sido muito comum, destaca também que a presença de maranhenses no estado é muito forte. Sobre a chegada dos primeiros maranhenses a Vila Novo Paraíso, obtivemos com um depoente a seguinte informação:

As primeiras famílias começaram a chegar no final da época da construção até o rio Jatapu. A partir de 1976, os colonos que vieram principalmente do Maranhão, se estabeleceram na Vila Nova Colina depois do Rio Anauá e no Baliza, logo em seguida aqui na Vila Novo Paraíso ou do Quinhentos, como era conhecida na época. O fato de ter me estabelecido no entroncamento era óbvio que futuramente teria uma vila no local. O importante era de estabelecer pontos de apoio para a vizinhança (EEC, 2013, p. 7).

Os maranhenses logo chegavam e se estabeleciam a margem esquerda da rodovia BR-174, sentido Boa Vista/Manaus, tendo em vista que a margem direita já havia sido ocupada pelo sr. Colin, sendo assim uma propriedade privada. Ao se estabelecerem à margem esquerda da rodovia BR-174 sentido Boa Vista/Manaus, os maranhenses não compravam seus terrenos e construíam suas casas aleatoriamente, vale lembrar que não existia nenhum tipo de saneamento básico, na realidade, nem ruas existiam. Pelos dados obtidos na pesquisa, observa-se que, os maranhenses recém chegados ao Território de Roraima demonstram estarem satisfeitos, pois aquele lugar representava um local para obtenção das condições necessárias para sua sobrevivência. Em uma das entrevistas, com uma maranhense que chegou, ainda criança, a Vila Novo Paraíso, é relatado:

[...] passamos um tempo andando, viemos a pé até a cidade de Belém, eu lembro que chegando perto de um rio, os adultos atravessaram com água batendo no pescoço com as crianças penduradas nos ombros e cheio de bagagens amarradas no corpo. Nós montávamos nas costas dos mais velhos, e a correnteza era muito forte, quase nos levou. Sofremos muito nessa parte da “andada”. Não lembro o lugar exatamente, tanto de pé como dentro da água. Atravessamos uma água muito grande. Aí, chegamos a um lugar e pegamos um ônibus para chegar até o Pará, onde aí pegamos uma balsa para chegar a Manaus e, de Manaus, chegamos a Novo Paraíso (EV, 2013, p. 1).

De acordo com as entrevistas, as informações obtidas indicam que os maranhenses vieram para Roraima e conseqüentemente a Vila Novo Paraíso na tentativa obter uma melhor qualidade de vida. Semelhante a este depoente, todos os demais que contatamos também informaram que saíram do estado do Maranhão acompanhados de seus familiares, normalmente famílias numerosas composta por pai, mãe, filhos e em alguns casos até mesmo netos, bem como mencionam as condições adversas enfrentadas durante a migração. A maioria das migrações apresentara-se com características semelhantes, isto é, saíram do Maranhão a pé, movimentando-se em direção a uma cidade próxima, com pouco dinheiro e que necessitariam contar com a solidariedade de pessoas do grupo ou não para evitar passarem fome durante a viagem.

De acordo com o depoimento EES (2013), viver em Novo Paraíso era bom, até mesmo no início do surgimento da Vila, em 1976, quando o contingente populacional era incipiente. Informa ainda que a comida era muito farta, pois, além da lavoura familiar que começara a despontar, havia grande fartura de carne de caça, ou seja, “em Novo Paraíso ninguém passava fome” (EES, 2013, p. 4).

A caça era uma atividade muito comum em Novo Paraíso na década de 1970, pois muitas famílias recém chegadas necessitavam da carne da caça para complementar sua dieta. Tratando-se ainda da alimentação, além da caça, também foram incorporados à dieta dos maranhenses produtos industrializados que muitos só passaram a conhecer quando se estabeleceram na Vila Novo Paraíso. Nesse sentido, informa-se:

Aqui aprendi a comer caça do mato, comíamos muita carne, lá no Maranhão não tínhamos dinheiro para comprar carne. Fomos beber Coca-Cola aqui na Vila Novo Paraíso. E ainda assim logo que chegamos era somente uma vez ao ano, hoje tenho Coca-Cola todo dia. Roraima trouxe muitos benefícios para minha família (EES, 2013, p. 5).

Outro fator que chama a atenção além da concentração de maranhenses a margem esquerda da rodovia BR-174, sentido Boa Vista-Manaus, são as construções, que inicialmente foram feitas de madeira e atualmente estão sendo substituídas por alvenaria. No diálogo com os entrevistados foi questionado se eles tinham a intenção de reproduzir características físicas do Maranhão aqui na Vila Novo Paraíso, mas as respostas foram negativas. Sobre como viviam no Maranhão as respostas indicaram uma situação de pobreza absoluta e que em nada aproxima-se das condições encontradas na Vila Novo Paraíso.

[...] as casas do Maranhão é muito diferente daqui, as casas lá eram de palhas, as paredes de barros, aqui é totalmente diferente, aqui os maranhenses nenhum mora em casa de palha. Cada um tem sua casa construída de tijolo. Realmente não vejo nada parecido ao Maranhão (EM, 2013, p. 11).

Durante as entrevistas, foi possível perceber o quanto os maranhenses se adaptaram à Vila Novo Paraíso, demonstrando sentimento de identificação e pertencimento ao lugar. A maioria dos entrevistados já tiveram oportunidade de partir para outras localidades, no entanto, escolheram ficar em Novo Paraíso, porque gostam. Sentem saudades do Maranhão, mas somente para passeio. Nenhum dos entrevistados mencionou conhecer alguém que após ter chegado ao Novo Paraíso tenha retornado para residir no Maranhão.

Presença de sul-rio-grandenses na Vila Novo Paraíso

Antes de discutir o estabelecimento dos gaúchos à Vila Novo Paraíso, é importante esclarecer que, para os habitantes da Vila Novo Paraíso, gaúcho é qualquer pessoa que tenha nascido na região Sul do Brasil, não necessariamente no Rio Grande do Sul. No entanto, este estudo trata apenas de pessoas provenientes do Rio Grande do Sul, pelo fato de com estas termos feito a pesquisa de campo.

De acordo com Freitas (2000), foram muitos os sulistas que chegaram até o sul do estado de Roraima, sobrenomes de origem europeia, como: Zambonin, Trevisan, Tomazini, Siebeichler, Schall, Sarkany, Penezniaki, Lunardi, Juliatti, Zago e Dal Vesco são comuns na região.

A chegada dos sul-rio-grandenses à Vila Novo Paraíso, conforme as informações obtidas com os depoentes, deu-se por volta de 1978 e gradativamente. Os relatos informam que se deslocavam via terrestre do Rio Grande do Sul até o território de Roraima, normalmente traziam consigo tudo que cabia num caminhão, como automóveis, utensílios domésticos e máquinas para ajudar no corte da madeira.

Quando eu estava indo para Manaus encontrei um pessoal parado na estrada, num caminhão Dodge cheio de ferros e coisas, acho que foi em 1977 bem no começo da abertura da estrada e fiquei conhecendo o gaúcho que era o pai da família Reginatto [...] E foi um dos que começaram em Novo Paraíso (EOM, 2013, p.12).

Chegando à Vila Novo Paraíso, os sul-rio-grandenses se dedicaram a atividades ligadas à pecuária, ao comércio, à construção cível e ao serviço público. Este último, na maioria das vezes, ligado ao Sexto Batalhão de Engenharia e Construção, no acampamento Novo Paraíso, que ficava a 11 km da Vila Novo Paraíso.

Percebe-se que, ao contrário dos maranhenses que vinham tentando fugir da fome que os assolava no Maranhão, os sul-rio-grandenses chegaram com o intuito de ascenderem socialmente, de evoluírem economicamente, bem como tornarem-se fazendeiros, conforme demonstra o depoimento a seguir:

Foi por pura opção, eu saí do Rio Grande do Sul com uma história longa que não vem ao caso. Eu vim por causa de terras, sempre fui de uma família pobre e tinha ambição em virar fazendeiro, e apareceu-nos a oportunidade de vir a Roraima porque tinham terras de graça enquanto pudesse trabalhar, era isso que eu queria, deixei tudo, pai, mãe e vim desbravando esse lugar (ER, 2013, p. 6).

Um ponto comum que chama a atenção na vinda dos sul-rio-grandenses e dos maranhenses na Vila Novo Paraíso, é que sempre existia um intermediador que os convidava a conhecer Novo Paraíso. Salienta-se também a propaganda das décadas de 1970-80 apresentando Novo Paraíso como um local propício para os interessados a adquirirem terras.

Enfatiza-se, entretanto que, morar na selva amazônica nunca foi tarefa fácil e nem todos os sul-rio-grandenses que vieram com o intuito de ascender social e economicamente conseguiram resistir aos contratemplos que enfrentaram na Vila Novo Paraíso (Souza, 2006). Foi comum encontrar em depoimentos pessoas que tinham parentes no local, mas que foram embora e nunca mais voltaram.

Também existiram casos de sul-rio-grandenses que chegaram a Novo Paraíso e não gostaram regressando a sua terra de origem, no entanto, como o passar dos anos, retornaram a Novo Paraíso com a intenção de morar definitivamente no lugar. Esse é um fato que chama a atenção, pois não há relato de casos por parte dos maranhenses que algum tenha voltado a sua terra natal, a maioria não sente vontade de regressar, talvez porque no Maranhão não deixaram nada para trás, todos vieram com suas famílias, ao contrário dos rio-grandenses, que deixaram parte da família como pai, mãe e alguns, até bens no Rio Grande do Sul. Ou seja, tinham um lugar para voltar, tinham a opção de escolher entre Roraima ou Rio Grande do Sul.

Um ponto de destaque nas narrativas dos sul-rio-grandenses se refere a alimentação, pois muitos sofreram para se adaptar a escassez de alimentos como verduras, legumes, trigo e carne de gado, uma vez que os mesmos não tinham o hábito de comer carne de caça. Em seu relato, diz o entrevistado EI (2013, p. 22) que, no “[...] início, não tinha onde comprar o trigo, não tinha onde comprar fermento, e não tinha onde comprar carne”. Ao chegar a Roraima, tiveram que reinventar sua forma de se alimentar.

A construção do espaço da Vila Novo Paraíso

Regressar no tempo e no espaço se faz necessário para que possamos entender como se deu o processo de formação espacial da Vila Novo Paraíso. Segundo Santos (2008), o espaço é uma construção real de uma situação atual, no entanto, devemos levar em consideração as ações passadas para que esse espaço seja entendido na totalidade, tendo em vista que o espaço é um conjunto inseparável do sistema de objetos e do sistema de ações.

Ainda conforme Santos (2008), os elementos naturais, construídos e fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais acabam redefinindo cada lugar. O espaço é sempre o aqui e agora, no entanto, devemos nos preocupar com o processo que levou à formação do espaço em questão.

De acordo com o Diário de Campo (2013a), o espaço da Vila Novo Paraíso, começou a ser traçado no momento em que houve a fixação da família do sr. Colin e com a consequente abertura do posto de combustível, que desde o início apresentou-se como elemento transformador da paisagem da Vila Novo Paraíso. Vale lembrar que o sr. Colin chegou a atual localidade da Vila Novo Paraíso através da abertura das rodovias BR-210 e BR-174, ou seja, o processo de produção do espaço da Vila Novo Paraíso ocorreu em virtude da abertura destas rodovias, antes não há relatos que a atual localidade tenha sido ocupada por não índios.

Percebe-se então que, no caso de Novo Paraíso, o fixo a que se refere Santos (2008) é o posto de combustível, pois permitiu ações que redefiniram a história da produção de espaço da Vila Novo Paraíso. O processo de produção de espaço da Vila Novo Paraíso, gerou o que Santos e Silveira (2001) chamariam de rugosidades,⁴ que persistem até os dias atuais. Talvez a maior rugosidade existente seja a segregação territorial e cultural que ocorre na Vila Novo Paraíso. Foi observado que existem dois grupos sociais atuando na formação do espaço da Vila Novo Paraíso, os maranhenses, grande maioria e os sul-rio-grandenses, os quais estabeleceram na Vila uma divisão territorial. Segundo Vargas (2009, p. 97), o “[...] território é visto como espaço de articulação, de negociação, de mediação, de conjugação, para onde confluem as ações”, situação que podemos identificar na Vila Novo Paraíso, onde o território para além de sua delimitação espacial também passa a ter uma apropriação simbólica.

Conforme informações do Diário de Campo (2013b), a margem direita sempre foi de propriedade privada, portanto, os terrenos eram comprados e a margem esquerda os terrenos foram doados pelo governo. Então, as pessoas que chegavam à Vila Novo Paraíso e que não tinham

4 De acordo com Santos (2008, p. 140), “ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com as coisas que se substituem e acumulam em todos os lugares”.

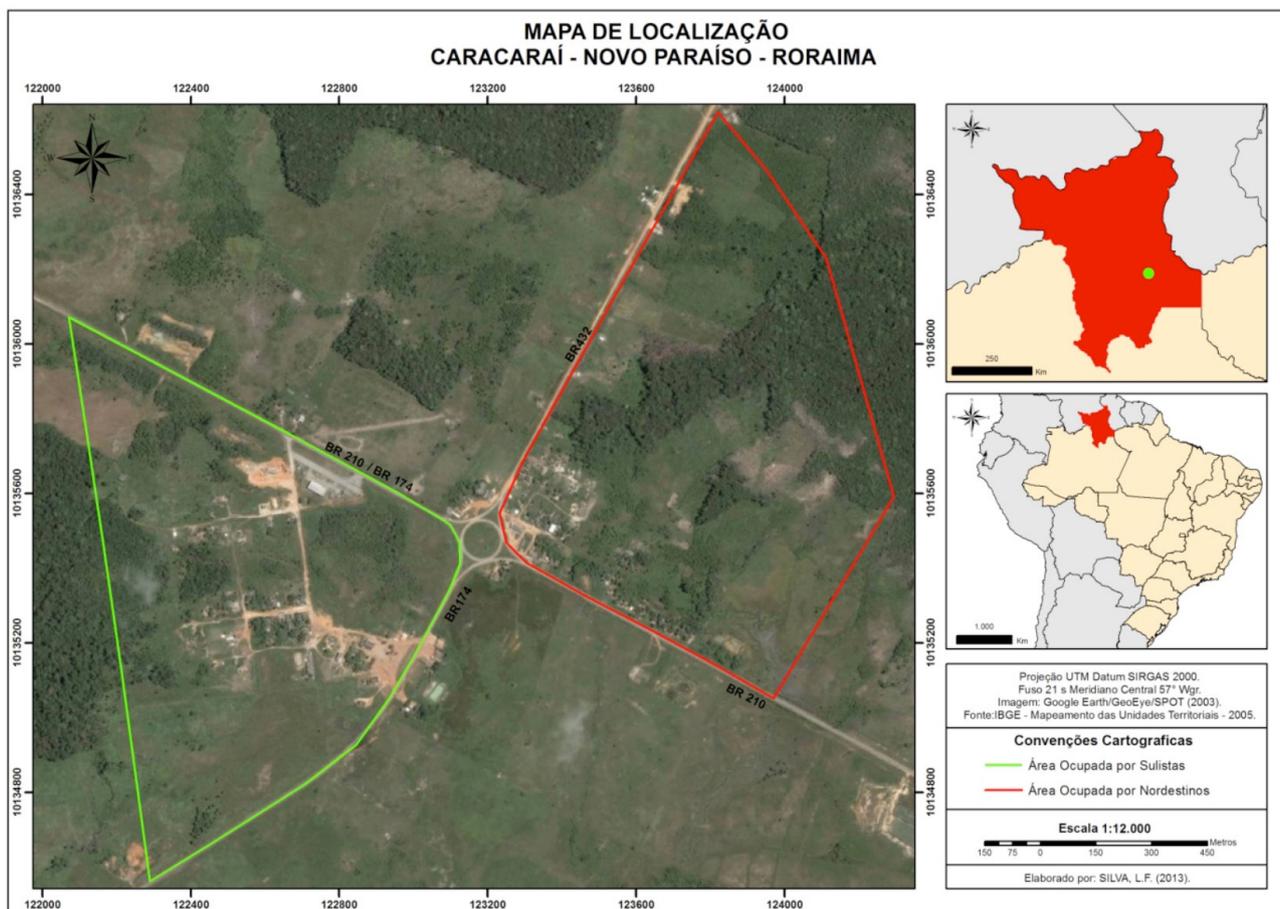
condições de comprar um terreno logo se estabeleciam na margem esquerda da rodovia sentido Boa Vista-Manaus. Assim, a Vila passou a ter uma delimitação fronteiriça interna peculiar. Com base em pressupostos de Martins (2009), constatamos que existe tanto uma fronteira física delimitada pela rodovia BR-174, mas também uma fronteira cultural constituída pelas frentes de expansão envolvendo os grupos sociais de nordestinos e sulistas que vivem na Vila Novo Paraíso. A base material do território, serviu de referência para a construção das identidades territoriais que ora se apresentam na Vila Novo Paraíso, gerando fronteiras culturais entre maranhenses e sul-rio-grandense. Os dados pesquisados demonstram que essa divisão teve início na história da Vila Novo Paraíso, mas que com o passar do tempo essas diferenças vem se acentuando. No Mapa 1, temos uma visão da Vila Novo Paraíso de 2003, na qual está dividida em duas porções.

Em 2013, a Vila Novo Paraíso apresentava aspectos físicos homogêneos. Ou seja, ainda não se haviam dividido os terrenos à margem direita da BR-174, sentido Boa Vista-Manaus, portanto, as ruas não estavam pavimentadas, e percebe-se que na margem esquerda, no mesmo sentido, havia mais residências.

Na margem esquerda da Vila Novo Paraíso também vivia o maior número de nordestinos, fato que gerou uma disputa política intensa na década de 1980, pois uma vereadora paraibana, sra. Ivone, representava os nordestinos oprimidos pela massa capitalista na prefeitura de Caracará, sede do município.

Mapa 1

Vila Novo Paraíso – 2003



fonte: Silva (2013a).

O lado direito da rodovia BR-174, ocupado pelos sulistas, também tinha uma vereadora, sra. Francisca, que os representava e lutava por seus direitos (Diário de Campo, 2013c). Os desdobramentos dessa configuração espacial acarretou durante oito anos uma intensa disputa política na Vila Novo Paraíso que ficou dividida em dois territórios⁵ conhecidos como o Irã e o Iraque:

Em 1980, Novo Paraíso possuía uma serraria, um posto de gasolina e um representante de bebida, todas as empresas mencionadas eram de propriedade dos sulistas. Eles foram responsáveis pelo desenvolvimento e o não desenvolvimento do Novo Paraíso. [...] Na minha imaginação o que levou a esse confronto foi que, o sulista chegava e agregava valor, capital e procurava desenvolver, eles demarcaram terreno e começaram a abrir ruas, desenvolver o lugar. Eles desenvolvem um trabalho mais organizado, surgiu da visão administrativa que eles tinham, eles tinham condições de trabalhar por conta própria, já do lado de cá, o lado dos nordestinos, era o lado que se aglomerava o povo que trabalhava para o governo, isso aí causou uma inveja, exemplo: eu sou funcionário do governo e não estou conseguindo fazer crescer minhas finanças e os gaúchos conseguiram desenvolver um trabalho e conseguiram mostrar que eram melhores organizados, isso criou a rivalidade. Aqui, os nordestinos não conseguiram fazer prosperar, daí, surge a parte desenvolvida e não desenvolvida da vila, surgem aí os nomes Irã e Iraque (EG, 2013, p. 4).

Durante a produção do espaço da Vila Novo Paraíso, essa disputa política gerou uma série de territorialidades. Segundo Corrêa (2010) a territorialidade refere-se ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantir a apropriação e a permanência de um dado território por um agente social ou diferentes grupos sociais. Na Vila Novo Paraíso, existem vários exemplos de conflitos que decorreram das territorialidades: o caso da escola, da rodoviária, do posto médico e outros. Quanto à concepção de territorialidades:

[...] a temática da territorialidade mais abrangente e crítica, pressupõe não propriamente um descolamento entre as dimensões políticas e cultural da sociedade, mas uma flexibilização da visão do que seja território. Aqui o território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os *insiders*) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os *outsiders*) (Souza, 2010, p. 86).

De acordo com depoimentos colhidos durante a pesquisa, um significativo impasse e indagações da Vila Novo Paraíso foi a construção da Escola Estadual Padre Calleri, a margem direita da rodovia BR-174. Antes, porém, é preciso retomar os antecedentes re-

5 Conforme Egler (2010, p. 215), o conceito de território “[...] pressupõe a existência de relações de poder, sejam elas definidas por relações jurídicas, políticas ou econômicas”.

lacionados a autorização inicial para a construção desta escola que ocorreu na década de 1980, em decorrência da existência de um terreno a margem esquerda da rodovia para essa finalidade e pelo fato de ser neste espaço que se encontrava o maior número de crianças. Entretanto, os sulistas que viviam na Vila estabelecidos no lado direito da rodovia BR-174 também reivindicaram a construção da escola. Frente a esta movimentação, inclusive o material que já havia sido descarregado no local, foi retirado e deslocado para um outro terreno doado pelos sulistas e localizados na margem direita da rodovia em questão (Diário de Campo, 2013c).

Durante a pesquisa de campo, questionamos tanto maranhenses como sul-rio-grandenses sobre haver ou não implicações na construção da Escola Estadual Padre Calleri em um dos lados da rodovia BR-174. Os maranhenses alegam que a escola deveria ter sido construída do lado em que eles moram, afinal, ali existem mais crianças e o fato de atravessarem a rodovia seria uma ameaça a segurança dos alunos. Já os sulistas responderam que a escola deveria estar exatamente onde está, pois ali, há uma maior infraestrutura. O mesmo caso aconteceu com um outro órgão público que é o posto de saúde.

A disposição das referidas construções na Vila Novo Paraíso, nos possibilita constatar que o gerenciamento do espaço é orquestrado tendo em vista as relações de poder entre os grupos sociais da Vila. Ou seja, tanto os maranhenses como os sul-rio-grandenses disputaram a instalação dessas construções em seus respectivos espaços porque não a percebem com uma unidade, mas como o lado de cá e o lado de lá. Tratando de relações com o espaço, situação que nos parece se aplicar aos grupos sociais maranhenses e sul-rio-grandenses da Vila Novo Paraíso, temos o seguinte:

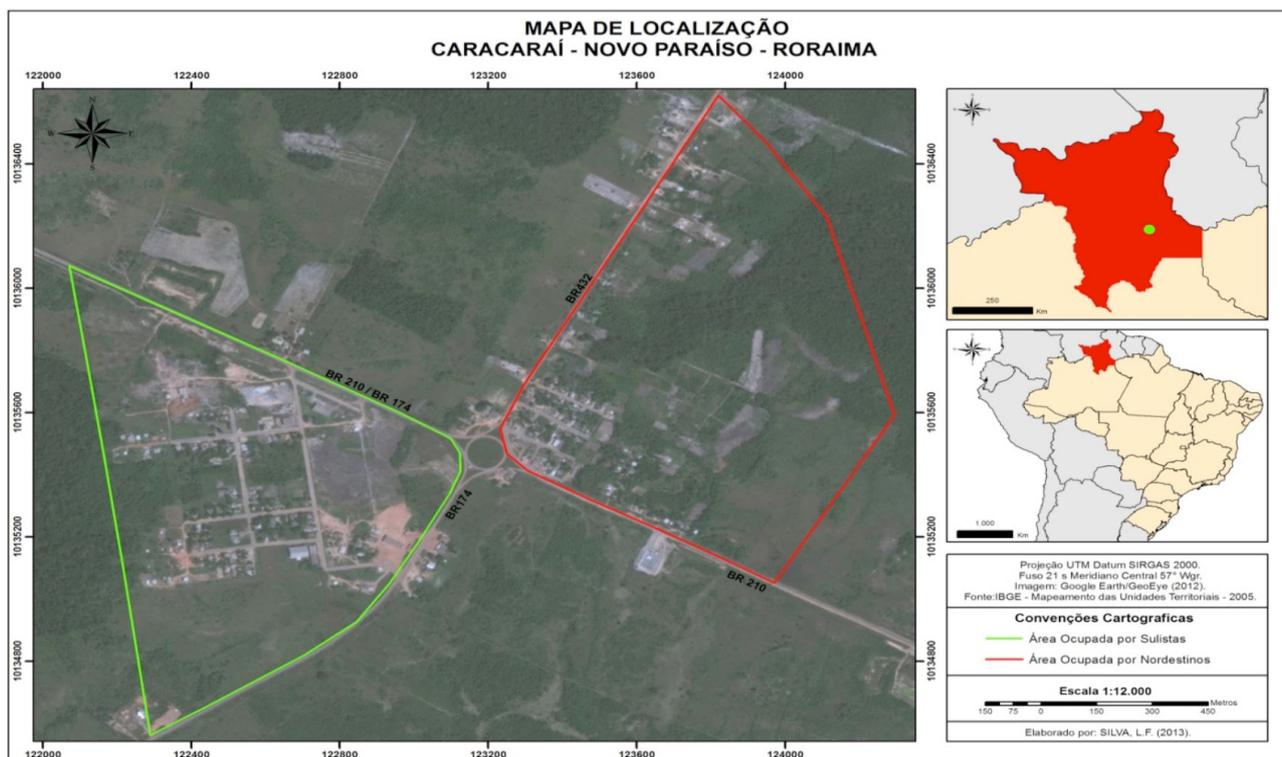
Os sistemas de objetos e sistema de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva a criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (Santos, 2008, p. 63).

Com o passar do tempo, as duas porções da Vila Novo Paraíso continuam se (re)organizando internamente, como vemos no Mapa 2. Portanto, comparando os Mapas 1 e 2, constatamos que, praticamente em uma década, as diferenças espaciais continuam, muito embora a Vila passasse a ter mais residências, tanto no lado dos sulistas como no dos nordestinos.

É relevante esclarecer que, na década de 2000, criou-se perto da Vila Novo Paraíso o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, com sede no km 511 da rodovia BR-174. Na mesma década, os sul-rio-grandenses estavam organizando o espaço que lhes pertencia: houve abertura de ruas, drenagem e pavimentação, e foram doados terrenos aos professores e servidores do Instituto Federal de Educação. Os terrenos eram doados para pessoas que tinham interesse em construir e fixar residência na Vila, o que conseqüentemente era interpretado pelos sul-rio-grandenses como um incentivo ao desenvolvimento da Vila Novo Paraíso. De acordo com o entrevistado EOM (2013), os terrenos teriam sido doados porque os gestores não gostariam que o lado sulista passasse pelo processo de favelização, que estaria ocorrendo no lado oposto da rodovia.

Mapa 2

Vila Novo Paraíso – 2012



fonte: Silva (2013b).

De acordo com o Diário de Campo (2013c), foi possível observar que, com a instalação do Instituto Federal, a Vila Novo Paraíso passa a receber também como moradores os servidores do Instituto e a situação favorece o desenvolvimento da margem direita da rodovia BR-174, sentido Boa Vista/Manaus, justamente o lado em que vivem a maior concentração de sulistas. Os referidos servidores, semelhantes aos sulistas, ao chegarem a Vila também passara a contribuir com características culturais, principalmente na construção de suas casas. Os servidores se aglomeraram em loteamento que foi aberto para atender exclusivamente a demanda do Instituto Federal, terrenos foram doados pelos sulistas, com a intenção de colonizar com mais intensidade o lado sulista da Vila Novo Paraíso. O Instituto Federal, além de gerar o aumento populacional da Vila, deu aos filhos dos moradores uma oportunidade de capacitação na própria Vila Novo Paraíso, enquanto, antes da implantação do Instituto Federal, só as pessoas com melhores condições econômicas saíam para se capacitar. Nos dias atuais, as famílias de Novo Paraíso estão ligadas ao Instituto Federal de Educação, seja por intermédio dos filhos na instituição, do serviço direto e indireto que gera o Instituto.

Na atualidade, a Vila conta com uma instituição educacional estadual, uma municipal e uma federal, um posto de combustível, uma pousada, restaurantes, lanchonetes, mercearias, Rodoviária e Posto de saúde, sendo que a maioria destes estão localizados a margem direita da rodovia sentido Boa Vista-Manaus. No entender de Santos (2005, p. 11), “a localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades externas, aquelas de modo de produção puro, quanto pelas necessidades internas” ditadas em essência pela formação espacial. Assim, a Vila Novo Paraíso vem se organizando internamente, de

um lado temos um grupo detentor de capital que comanda a formação espacial e define a distribuição dos objetos na Vila Novo Paraíso, os sulistas, fazendo com que um lado seja mais promissor que outro.

Considerações finais

Pela história da Vila Novo Paraíso, conclui-se que sua existência se deve, entre outros fatores, ao encontro acidental entre as rodovias BR-174 e BR-210, e tudo indica que o referido posto de combustível foi um dos principais propulsores da aglomeração, pois gerava renda para a população que chegava à Vila Novo Paraíso.

Outro fator decisivo foi a implementação, nas proximidades da Vila, do acampamento militar Novo Paraíso, que prestava a necessária assistência, fosse socorrendo pessoas que contraíam doenças tropicais como malária, fosse para emprestar maquinário para tirar os carros que atolavam na rodovia BR-174.

A história da Vila Novo Paraíso também se liga à chegada de grupos sociais de maranhenses e sul-rio-grandenses, ambos nas mesmas condições e com expectativas semelhantes: foram a Roraima acompanhados da família. Entre suas motivações, aparece o desejo de adquirir terras e construir a vida na Amazônia Brasileira. Havia também o estímulo de familiares que já estavam em Roraima e a propaganda governamental, que prometia terras aos agricultores e subsídios para que desenvolvem suas atividades, principalmente para a colonização do sul roraimense.

Assim, os grupos sociais de maranhenses e sul-rio-grandenses se encontraram e desencontraram na Vila Novo Paraíso, construindo espaços territoriais e culturais moldados de acordo com as concepções culturais de um e outro grupo. Por outro lado, observamos claras relações de poder entre eles.

O espaço na Vila Novo Paraíso foi construído por meio dessas relações de poder, e, como o capital dos sul-rio-grandenses é maior, estes têm mais influência nas decisões políticas locais, que acabam privilegiando o lado sulista. Ou seja, a Vila Novo Paraíso tem um lado desenvolvido, onde se concentram todos os aparatos públicos, e um que não recebeu a infraestrutura necessária, como abertura de ruas, saneamento básico, escolas ou órgãos públicos, entre outros. Em suma, há na Vila Novo Paraíso o que os moradores chamam de “o lado de cá” e o “lado de lá”.

Referências

- AMORIM FILHO, O. B.; DINIZ, A. M. A. Boa Vista, Roraima: uma cidade média na fronteira setentrional do Brasil. In: MOURA, A. M. S.; FILHO, N. S. (Orgs.). *Cidades: relações de poder e cultura urbana*. Goiânia: Vieira, 2005. p. 13-34.
- CORRÊA, R. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 77-116.
- DIÁRIO DE CAMPO. *Visita aos maranhenses e sul-rio-grandenses*, 18 abr. 2013. Novo Paraíso-RR, 2013a.

- DIÁRIO DE CAMPO. *Visita aos maranhenses e sul-rio-grandenses*, 19 mar. 2013. Novo Paraíso-RR, 2013b.
- DIÁRIO DE CAMPO. *Visita aos maranhenses e sul-rio-grandenses*, 12 mar. 2013. Novo Paraíso-RR, 2013c.
- EEC. *Entrevistado EEC*: depoimento em 20 maio 2013. Aquidauana-MS, 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida aos autores.
- EES. *Entrevistado EES*: depoimento em 13 mar./25 abr. 2013. Novo Paraíso-RR, 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida aos autores.
- EG. *Entrevistado EG*: depoimento em 12 mar. 2013. Novo Paraíso-RR, 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida aos autores.
- EGLER, C. Questão regional e gestão do território no Brasil. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORREA; R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 207-235.
- EI. *Entrevistado EI*: depoimento em 25 abr. 2013. Novo Paraíso-RR, 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida aos autores.
- EM. *Entrevistado EM*: depoimento em 25 de Abril de 2013, 11 p.]. Entrevistadora: Os autores. Novo Paraíso/RR: s.e.; 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida aos autores.
- EOM. *Entrevistado EOM*: depoimento em 18 mar. 2013. Boa Vista-RR, 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida aos autores.
- ER. *Entrevistado ER*: depoimento em 12 mar. 2013. Novo Paraíso-RR, 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida aos autores.
- EV. *Entrevistado EV*: depoimento em 12 mar. 2013. Novo Paraíso-RR, 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida aos autores.
- FREITAS, L. A. *Geografia e história de Roraima*. ed. rev. e ampl. Boa Vista: DLM, 2000.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>>. Acesso em: 10 out. 2012.
- MARTINS, J. S. *FRONTEIRA: a degradação do outro nos confins do humano*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- OLIVEIRA, R. As transformações na configuração político-administrativa do estado de Roraima: um panorama a partir da implantação do Federalismo. In: SILVA, P. R. F.; OLIVEIRA, R. S. (Orgs.). *Roraima 20 anos: as geografias de um novo estado*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008. p. 47-87.
- _____. As transformações na organização espacial do estado de Roraima: uma conversa inicial a partir da construção da BR-174. *Revista Acta Geográfica*, Boa Vista, ano I, n. 1, 2007.

- SANTOS, A. *Roraima: história geral*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. 4. reimp. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2005.
- _____; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- SILVA, L. F. *Mapa de localização de Novo Paraíso*, 2013a.
- _____. *Mapa de divisão interna da Vila Novo Paraíso*, 2013b.
- SILVA, P. R. F. *Dinâmica territorial estado de Roraima*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SOUZA, C. M. Gaúchos em Roraima: memória, regionalismo e identidade. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre: PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 199-207, jun. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1310/1015>>. Acesso em: 9 jul. 2014.
- SOUZA, J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 77-116.
- VALE, A. L. F. Imigração de nordestinos para Roraima. *Estudos Avançados* [online], v. 20, n. 57, p. 255-261, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200019&script=sci_arttex>. Acesso em: 12 jul. 2014.
- VARGAS, I. A. *Porteiras assombradas do paraíso: embates da sustentabilidade socioambiental no Pantanal*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.